

**TRANSGÊNICOS: VISÃO DE UM GRUPO ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO/TÉCNICO DA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS.**

Alanne Tamize Salviano - CFT/UFPB
Juliana Cristina Augusto Ribeiro - CFT/UFPB
Luiz Carlos da Silva Gomes - CFT/UFPB
Raquel Alves Evaristo - CFT/UFPB
Esmeralda Paranhos dos Santos – DTR/CFT/UFPB

RESUMO

A produção de alimentos pode ser obtida através do uso de técnicas de melhoramento genético de plantas e animais, sendo uma atividade que requer um custo elevado e também apresenta alto risco, principalmente o cultivo de plantas transgênicas a campo. O presente trabalho teve como objetivo identificar a opinião de um grupo de alunos do ensino médio técnico, de cursos técnicos da área de Ciências Agrárias, com relação ao uso de alimentos transgênicos. Este estudo consistiu de uma pesquisa de campo realizada junto aos alunos do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), escola vinculada ao Centro de Formação de Tecnólogos (CFT) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizado na cidade de Bananeiras-PB. A coleta dos dados foi realizada junto aos alunos das três séries (3) do ensino médio do Curso de Técnico Agrícola, nas habilitações de Agroindústria e Agropecuária. A coleta dos dados foi através de um questionário composto de questões fechadas abordando os seguintes aspectos: idade, gênero, curso, e opiniões acerca do assunto. Os questionários foram distribuídos a 153 alunos em sala de aula, no mês de julho de 2006. Apesar de a pesquisa demonstrar que os entrevistados já têm algum conhecimento em relação aos transgênicos, revela também a existência de um paradoxo entre pensamento e ação.

Palavras-chaves: Transgênicos, ensino médio técnico,

1-INTRODUÇÃO

A produção de alimentos pode ser obtida através do uso de técnicas de melhoramento genético de plantas e animais, sendo uma atividade que requer um custo elevado e também apresenta alto risco, principalmente o cultivo de plantas transgênicas a campo. Além da necessidade do domínio de conhecimento científico, existe também a necessidade da disponibilidade de germoplasma. (NODARI & GUERRA, 2000).

Todo organismo vivo de origem vegetal ou animal que através da aplicação da engenharia genética teve seu material genético modificado, é considerado um Organismo Geneticamente Modificado (OGM). O processo ocorre pela introdução de seqüências ou “pedaços” de DNA, retirados de outros organismos vivos, incluindo-se aí organismos filogeneticamente distantes à espécie a ser modificada (TOZZINI, 2004). Segundo Conceição, Moreira e Binsfeld (2005) um “OGM é composto por três elementos: o

promotor, que regula a leitura do gene (transcrição); o gene de interesse, que determina a característica desejável; e o elemento terminador, responsável pelo término da transcrição”. A dúvida de que estes organismos sejam seguros para o consumo, tem gerado discussões sobre o seu consumo, e levado este assunto centro das atenções públicas, principalmente pela crescente utilização deles pela agricultura e indústria.

A produção e consumo de alimentos transgênicos tem levado a opiniões divergentes, enquanto alguns autores (NODARI e GUERRA, 2000) consideram a transgenia como uma técnica que pode contribuir de forma significativa para o melhoramento genético de plantas, e conseqüentemente que vai contribuir para minimizar a fome no mundo, outros autores (GREINER (1999) apud Cavalli (2001); COLOMBO, (2000)) afirmam que não há “vantagens” para o consumidor, e sim apenas vantagens econômicas para o produtor. Deve ser observado que uma das desvantagens que deve ser evidenciada, está relacionada a grande interrogação que fica com relação ao que os OGM’s podem provocar ao ambiente, e, inevitavelmente a saúde do consumidor, e o que acontecerá com o resultado do monopólio destas sementes pelas empresas que produzem a transgenia.

A nível de Brasil a preocupação com a segurança alimentar é de responsabilidade do Ministério da Saúde (MS), da Agricultura e Abastecimento (MA) e o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC). A Organização para Agricultura e Alimentos (FAO) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) e no âmbito internacional. No Brasil o limite para não rotular um produto como geneticamente modificado é de 1%, determinado pelo Decreto 4.680 de 24 de abril de 2003 (BRASIL, 2003).

Em países como os Estados Unidos a legislação não exige a rotulagem mas recomenda fazê-la voluntariamente, o que é exigido é que as empresas que trabalham com OGM’s notifiquem a FDA pelo menos 120 dias antes de lançar o produto no mercado (TOZZINI, 2004).

Segundo a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança apud Nodari e Guerra (2003), os alimentos obtidos por transgenia autorizados para comercialização foram: na Argentina, a soja em 1996, o milho e o algodão em 1998; no Canadá, o milho e o algodão em 1996, a canola em 1997, a soja e o melão em 1998, a batata e o trigo em 1999; nos Estados Unidos, o melão, a soja, o tomate, o algodão e a batata em 1994, a canola e o milho em 1995; no Japão, a soja, a canola, a batata e o milho em 1996, o algodão e o tomate em 1997; na União Européia, o tomate e a canola em 1995, a soja em 1996, o milho em 1997, a batata e o algodão em 1998.

Diante do exposto, e considerando-se que os cursos da área de Ciências Agrárias fornecem ao mercado os profissionais que de forma direta irão trabalhar com transgênicos, o presente trabalho teve como objetivo identificar a opinião de um grupo de alunos do ensino médio técnico, de cursos técnicos da área de Ciências Agrárias, com relação ao uso de alimentos transgênicos.

2-MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo consistiu de uma pesquisa de campo realizada junto aos alunos do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), escola vinculada ao Centro de Formação de Tecnólogos (CFT) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizado na cidade de Bananeiras-PB. A coleta dos dados foi realizada junto aos alunos das três séries (3) do ensino médio do Curso de Técnico Agrícola, nas habilitações de Agroindústria e Agropecuária.

2.1- Metodologia

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um questionário composto de questões fechadas abordando os seguintes aspectos: idade, gênero, curso, e opiniões acerca do assunto. Os questionários foram distribuídos a 153 alunos em sala de aula, no mês de julho de 2006. Na análise dos resultados utilizou-se a estatística descritiva (PESTANA, 2005).

3-RESULTADOS E DISCURSÃO

3.1- Perfil dos respondentes

Dos resultados obtidos podemos traçar o seguinte perfil dos respondentes: a maioria (68%) é do gênero masculino (figura 1), com faixa etária de maior frequência (49%) entre 14 e 18 anos, seguida da faixa etária (45%) entre 19 e 23 anos (figura 2), caracterizando uma amostra composta por indivíduos adolescentes e pós-adolescentes. Quanto ao curso que estão realizando, 75% cursam a Habilitação em Agropecuária e 25% em Agroindústria, conforme observado na figura 3.

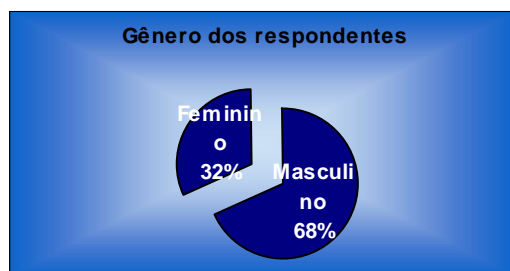


Figura 1 – Gênero dos entrevistados.

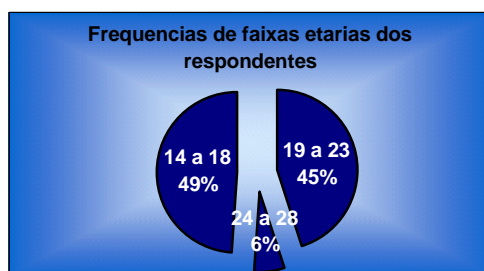


Figura 2 – Frequência das idades dos respondentes.



Figura 3 – Curso dos entrevistados.

3.2-Conhecimento com relação aos transgênicos

Com relação ao grau de conhecimento dos respondentes em relação aos transgênicos, 66% tinham idéia do que são transgênicos, enquanto que 34% não tinham idéia, conforme mostrado na figura 4.

Na tabulação dos dados considerou-se para análise dos resultados das perguntas a seguir, apenas as respostas dos 66 % que tinham idéia do que são transgênicos: destes 71% consideram que a ingestão de produtos com transgênicos não é segura, enquanto que 29% consideram ser seguro, como pode ser visualizado na figura 5.



Figura 4 – Conhecimento sobre o assunto abordado.

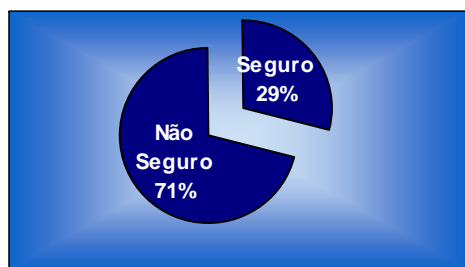


Figura 5 – Opinião dos respondentes em relação à segurança do alimento transgênico

Observou-se ainda que 97% dos respondentes acham que os produtos que forem elaborados com transgênicos devem ter indicação no rótulo (figura 6), o que leva a crer que como consumidores eles acham que tem o direito de saber o que estão ingerindo.

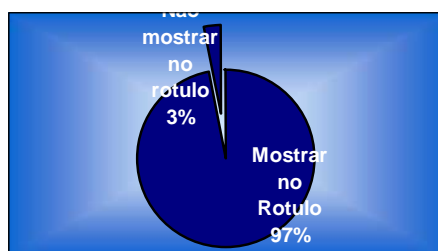


Figura 6 - Indicação no rótulo de alimentos transgênicos

Quanto ao ato de comprar ou não transgênicos, 51% dos entrevistados comprariam alimentos elaborados com transgênicos e 49% não comprariam, como mostrado na figura 7.



Figura 7 – Intenção de compra de alimentos transgênicos.

Os resultados evidenciam que grande parte dos respondentes tem conhecimento acerca do assunto abordado e apesar de não haver estudos que comprovem que os transgênicos tragam prejuízos a saúde humana, grande parte dos alunos considera que a ingestão destes alimentos faça mal a saúde humana. Os respondentes consideram necessária a indicação no rótulo de que os alimentos contem transgênico, entretanto já que a maioria dos

entrevistados comprariam alimentos elaborados com transgênicos, pode-se acreditar na existência de um paradoxo entre pensamento e ação, revelando a carência de maiores esclarecimentos sobre o assunto, principalmente por tratar-se de futuros profissionais que poderão se deparar com alimentos transgênicos.

4-CONCLUSÃO

Apesar de a pesquisa demonstrar que os entrevistado já têm algum conhecimento em relação aos transgênicos, revela também a existência de um paradoxo entre pensamento e ação, o que leva a crer na necessidade de uma maior divulgação do assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. DOU - **Diário Oficial da União**. Publicado no dia 25.04.2003. Seção I, p.2.

CAVALLI, Suzi Barletto. **Food safety: the approach to transgenic foods**. *Rev. Nutr.*, 2001, vol.14 suppl, p.41-46. ISSN 1415-5273.

COLOMBO, C. **Futuro dos alimentos transgênicos**. *Revista Correio Popular*. Campinas, n.111, p.5-7, maio 1999.

CONCEIÇÃO, F. R.; MOREIRA, A. N.; BINSFELD, P. C.; **Deteção e quantificação de organismos geneticamente modificados em alimentos e ingredientes alimentares**. *Cienc. Rural*, Fev 2006, vol.36, nº.1, p.315-324.

NODARI, R. O.; GUERRA, M. P. **Plantas transgênicas e seus produtos: impactos, riscos e segurança alimentar (Biossegurança de plantas transgênicas)**. *Rev. Nutr.*, Jan 2003, vol.16, nº.1, p.105-116. ISSN 1415-5273.

PESTANA. M.H; GOGERO, J.N. **Análise de dados para ciências sociais**. 4ª edição. Ed. Silabo, 2005.

TOZZINI A.C. **Detección de OGM en la cadena Alimentaria** http://www.argenbio.org/h/biblioteca/libro/41_IX_4.pdf . Acesso em 21 de agosto de 2006